

A Pandemia e o jornalismo brasileiro

O olhar de comunicadores do centro-oeste do Brasil sobre seu trabalho

BÁRBARA NOGUEIRA MARTINS

*Laboratório de pesquisa: Assessoria de Comunicação
Fiocruz Brasília
barbaranmartins06@gmail.com
0000-0002-5692-1349*

MARIELLA SILVA DE OLIVEIRA-COSTA

*Laboratório de pesquisa: Assessoria de Comunicação
Fiocruz Brasília
mariella.costa@fiocruz.br
0000-0003-4853-3677*



informação de qualidade auxilia a saúde e os jornalistas buscam comunicar informações de cunho científico para o público, com visão crítica, sem só repetir o que o pesquisador diz, mas com capacidade de avaliar o que se publica

(Oliveira, 2002, p.35).

A covid-19 teve repercussões e impactos sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos. Jornalistas de outras áreas, que não a científica, tiveram que se apropriar, às pressas e em meio à incerteza, do jornalismo científico, o que também influenciou na cobertura da imprensa sobre a pandemia. Esses profissionais trabalharam para facilitar o entendimento e enfrentamento da crise sanitária sob diversos enfoques, tais como: política, economia, cultura, ciência e humanidades (Camponez et al., 2020). É possível comparar esse tipo de cobertura ao jornalismo em territórios de guerra e conflitos urbanos, em que é preciso assegurar a sobrevivência do repórter em campo narrando os fatos com detalhes, em meio ao risco da contaminação e considerar também as necessidades de confinamento que impuseram novos modos de se fazer jornalismo. (Ferraretto & Morgado, 2020, p.16).

Problemas financeiros, aumento do ritmo das atividades e das horas trabalhadas, demissões, corte salarial, doenças físicas e mentais e incertezas sobre o futuro da profissão foram parte das consequências da

**Pour citer cet article, to quote this article,
para citar este artigo :**

Bárbara Nogueira Martins, Mariella Silva de Oliveira-Costa, « A Pandemia e o jornalismo brasileiro: o olhar de comunicadores do centro-oeste do Brasil sobre seu trabalho », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne, online], Vol 13, n°2 - 2024, 15 décembre - december 15 - 15 de dezembro - 15 de diciembre.

URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v13.n2.2024.549>



pandemia para os profissionais da comunicação (Figaro et al., 2020). É sabido que antes mesmo da pandemia, o trabalho dos jornalistas já era cercado por riscos não só físicos, mas também de saúde mental, dada a necessidade de lidar com diversos contextos de repercussão emocional, pressão da chefia pela apuração e fechamento das pautas e a disputa com outros veículos de comunicação por uma notícia inesperada em primeira mão. Na pandemia, todos esses fatores se intensificaram (Tabai et al., 2022).

Esta pesquisa busca compreender a percepção de jornalistas da região Centro-Oeste do Brasil (estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal) sobre seu trabalho durante a pandemia de covid-19. Afinal, que desafios e oportunidades para se comunicar saúde fizeram parte do cotidiano dos jornalistas durante a pandemia?

COMUNICAR SAÚDE

A comunicação em saúde é multidimensional e envolve a participação ativa de indivíduos e comunidades no processo de saúde e doença. De maneira complexa e dinâmica, envolve a troca de informações, a compreensão mútua, a negociação de significados compartilhados, empoderamento, colaboração e troca de informações, ideias e perspectivas (Schiavo, 2007). Comunicar saúde é recurso valioso no cuidado e promoção da saúde, pois orienta os comportamentos estratégicos, tratamentos e decisões das pessoas (Kreps, 1988).

Elaborar estratégias para se comunicar saúde importa para que as pessoas possam acessar os cuidados necessários, tomar decisões e promover o seu bem-estar. Infelizmente, os pesquisadores em comunicação em saúde falham na comunicação com o público principal. Parte das pesquisas sobre comunicar saúde é divulgada de maneira restrita em conferências e periódicos acadêmicos, o que pode ter apoiado o rápido crescimento do campo, o desenvolvimento de novos programas educacionais e inspirar novas pesquisas, mas não contribuiu para melhorias no sistema de saúde. É preciso adotar novas estratégias para disseminar resultados de pesquisas em comunicação em saúde e suas instruções para políticas e práticas de saúde (Kreps, 2012).

A comunicação em saúde pode melhorar os resultados de saúde e aumentar o conhecimento das pessoas, sua mudança de comportamento e adoção de estilos de vida saudáveis, em especial na abordagem das desigualdades em saúde e na melhoria do acesso para populações vulneráveis (Schiavo, 2007). Parcerias interdisciplinares, interprofissionais e comunitárias que envolvam estudantes, profissionais de saúde,

consumidores, gestores, autoridades governamentais, membros de organizações de apoio e políticas públicas podem auxiliar pesquisadores em comunicação em saúde na concepção, implementação e institucionalização eficaz das intervenções baseadas em evidências (Kreps, 2012).

Em meio às diferentes áreas de atuação da comunicação em saúde, o jornalismo possui especificidades e elementos importantes para auxiliar na promoção da saúde das pessoas na prática. Não descrever um texto apenas prescritivo, tampouco repercutir descobertas ainda incipientes e que não tenham sido comprovadas pela comunidade científica, buscar informações com fontes de diferentes áreas, como o governo, os serviços de saúde, saneamento, habitação, renda, trabalho etc. e considerar também a voz das pessoas comuns no contexto informativo como fontes, sem que esteja em detrimento dos especialistas, fazem parte do rol de recomendações úteis para o trabalho dos profissionais da notícia. Sabe-se que a simples “leitura de um texto jornalístico não significará a mudança de comportamento, mas acredita-se que a aquisição de conhecimento é um fator a mais para a promoção da saúde”. (Oliveira-Costa, 2017)

No Brasil, desde 2009 não é preciso cursar uma graduação para trabalhar como jornalista e já se observou a necessidade de programas e políticas de capacitação desses profissionais e pesquisadores na área da comunicação em saúde (Oliveira-Costa, 2019).

SAÚDE, JORNALISMO E COVID-19

O jornalismo é fundamental para a comunicação em saúde, pois leva ao público o conhecimento para tomar decisões, ao disseminar informações e promover a conscientização. Ao reportar sobre saúde, os jornalistas devem considerar não apenas as doenças, mas também os aspectos sociais, políticos e econômicos que impactam a saúde das pessoas. A parceria entre jornalistas e profissionais da saúde é necessária para uma cobertura precisa e abrangente, permitindo a inclusão de perspectivas especializadas. Um jornalismo promotor da saúde, que auxilie na capacidade de escolha das pessoas, possibilita que se melhore a qualidade de vida de homens e mulheres, além de diminuir os gastos do governo com ações curativas e alertar os governos e a comunidade científica sobre o que merece espaço na agenda pública. (Oliveira-Costa et al., 2019)

Com o avanço da tecnologia e das plataformas digitais, o jornalismo de saúde enfrenta oportunidades e desafios, demandando uma perspectiva atualizada e uma compreensão das novas habilidades digitais, com adoção de abordagem crítica e aprofundada em relação às informações, envolvendo a análise de fontes

confiáveis e o entendimento da complexidade científica. A compreensão dos conceitos de saúde é essencial para jornalistas, viabilizando uma comunicação eficaz e compreensível sobre assuntos de saúde para a sociedade (Azevedo, 2012).

Na pandemia, conforme o vírus se disseminava, as notícias eram mostradas por vários canais de comunicação. O jornalismo passava por grandes desafios na sua rotina de trabalho, na busca das informações fidedignas em meio à incerteza do novo coronavírus, mudanças nas produções de conteúdo, combate às *fakes news* devido à desinformação e situações atreladas ao contexto biopsicossocial que a covid-19 ocasionou na sociedade, com risco de contaminação e milhares de óbitos (Lopes et al., 2021).

Os jornalistas foram uma das categorias profissionais expostas na pandemia, por causa das condições que envolvem a sua função laboral, com o registro de 278 profissionais mortos por covid-19, entre abril de 2020 a julho de 2021, de acordo com a Federação Nacional Dos Jornalistas [FENAJ] (2021). Nesse sentido, é notório que a pandemia trouxe consequências para os jornalistas, devido às condições de trabalho vivenciadas nesse cenário crítico. Eles atuaram na linha de frente desde o início da pandemia, e colocaram em risco a sua segurança pessoal e coletiva, devido à alta transmissão do vírus naquele período, e à precarização do trabalho por parte de algumas empresas, com aumento do serviço e das horas trabalhadas sem compensação financeira correspondente.

Uma revisão sistemática e de metanálise, com amostra de 115 artigos científicos, mostrou que 26,3% dos profissionais da saúde apresentaram depressão e 29,0% apresentaram ansiedade (Salazar de Pablo et al., 2020) no início da pandemia. No caso dos jornalistas, outro estudo evidenciou resultados que se aproximam desses números encontrados na metanálise, com uma taxa de depressão de 22,1%, e prevalência pontual de 21,6% para ansiedade (Osmann et al., 2021)

Os jornalistas sofreram com o risco de contaminação com o vírus, visto que em vários momentos estavam em contato direto com pessoas infectadas, e, além disso, com risco de desenvolvimento de doenças psicológicas, porque noticiavam diretamente os impactos da pandemia para o público em meio à tensão por informar (Perreault & Perreault, 2021).

Observou-se dedicação e esforço dos jornalistas diante um contexto desafiador e complicado para auxiliar a sociedade no direito à informação, e empenho para entregar as notícias em tempo real (Casero-Ripollés, 2021). O jornalismo precisou inovar e se adequar às novas vivências e ao caos, para levar informação verídica para todos e não somente para determinados

grupos. (Oliveira & Gadini, 2020). Sem a imprensa, não existiriam as coletivas divulgando as informações de agentes governamentais nem os questionamentos dos jornalistas contribuindo positivamente para maior compreensão da sociedade sobre os fenômenos em curso. (Spink et al., 2021).

Outro estudo analisou a percepção de jornalistas brasileiros que cobrem ciência e observou que os profissionais perceberam um crescimento do espaço e da importância dos canais de comunicação e do público por pautas de ciência e saúde, e das oportunidades e desafios para o trabalho dos jornalistas, o que fez com que buscassem novos conhecimentos e qualificação profissional (Massarani et al., 2022). Estudo sobre a investigação da saúde e do trabalho do jornalista atuante na cobertura da pandemia da Covid-19, no primeiro semestre de 2020 até o primeiro semestre de 2022, no interior do Ceará, observou aumento da pressão no trabalho para 82,6% dos jornalistas, o que pode estar atrelada ao fluxo de trabalho intensificado durante a pandemia (Cajazeira & De Souza, 2022).

Pesquisa que analisou o trabalho dos jornalistas da capital do Brasil na pandemia, também observou que o trabalho dos comunicadores foi marcado por transformações na sua rotina pessoal e de trabalho, desde adoção do regime *home office* e a intensificação das atividades propostas devido à velocidade de informações que circularam para a divulgação de notícias sobre covid-19. A redução salarial e problemas de saúde biopsicossocial, afetada pelo excesso de trabalho e pelo efeito da pandemia também foram citados pelos jornalistas. (Martins & Oliveira-Costa, 2023).

Não foi encontrado, porém, estudo sobre o trabalho de jornalistas da região Centro-Oeste do Brasil na pandemia de covid-19, foco desta pesquisa.

METODOLOGIA

A pesquisa é de abordagem qualitativa, exploratória e descritiva. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas online com jornalistas da região centro-oeste do Brasil, maiores de 18 anos, que realizaram pelo menos uma cobertura jornalística no país durante a pandemia de covid-19, em quaisquer meios, sejam eles agências de notícias, internet, rádio, televisão, revista, jornal impresso ou assessoria de comunicação.

Este grupo de participantes foi selecionado a partir dos jornalistas de todo o país já catalogados em pesquisa de opinião online *O risco de quem comunica o risco*, e que naquela ocasião, demonstraram interesse e disponibilidade para participar da investigação por meio de entrevistas. Para esta etapa, foram incluídas as vozes dos produtores de notícia da região centro-oeste. Não

foi encontrado nenhum estudo ou base de dados que permitisse caracterizar os veículos de imprensa da região, para além do Índice Verificador de Comunicação, ao qual estão associados apenas três jornais do DF e outros três de Goiás. (IVC, 2024). Em consulta à Associação Nacional de Jornais, (ANJ, 2024) foram encontrados três jornais do DF e apenas um de cada um dos demais estados da região.

A seleção dos entrevistados foi por conveniência, baseada na viabilidade e disponibilidade dos jornalistas, e intencional, pois os que trabalharam durante a pandemia eram informantes-chave para se compreender o fenômeno.

Uma entrevista em profundidade permite identificar diferentes possibilidades para se perceber e descrever os fatos e fenômenos sociais (Duarte, 2005) e independentemente do número de jornalistas disponível para colaborar com a pesquisa, cada relato e vivência coletado possibilitou que se compreendesse parte dos processos de produção de notícias durante a pandemia de covid-19. Por meio de entrevistas, busca-se compreender como algo da realidade é apreendido por alguém, bem como a descrição de fenômenos complexos com os quais as pessoas estão diretamente envolvidas, sem buscar quantos ou qual proporção de pessoas envolvidas no fenômeno, nem qualquer forma de extrapolação dos dados para outras realidades e contextos.

A organização a coleta de dados se deu, inicialmente, com contato com os jornalistas, por e-mail, sendo realizadas até cinco tentativas de marcação de agenda, conforme disponibilidade deles. Nos casos em que o entrevistado não conseguiu participar por meio da entrevista online, foi dada ainda a possibilidade de envio das respostas por e-mail, uma técnica sugerida por Kaufmann (2013), como um instrumento de coleta adaptado à entrevista que pode favorecer a uma maior reflexão nas respostas do entrevistado.

O roteiro de entrevista compreendeu três blocos de questões semiestruturadas para garantir a abordagem em profundidade com respostas que não eram previsíveis, mas indeterminadas pelas pesquisadoras. As perguntas partiram do problema de pesquisa e abordaram características da vida profissional do entrevistado, seu processo de trabalho e informações específicas sobre a atuação durante a pandemia de covid-19. Ao longo das entrevistas, uma questão poderia ser dividida em duas, e outras duas poderiam ser reunidas em uma, ou mesmo suprimidas, em caso de o entrevistado já ter respondido anteriormente.

O material foi utilizado apenas para fins de pesquisa, sendo adotados procedimentos que garantiram o anonimato, com a supressão de qualquer citação que

possa identificar o informante. Os dados foram arquivados pela pesquisadora principal e e serão destruídos após cinco anos. No tocante à ética em pesquisa, compreende-se que o risco para os sujeitos foi mínimo, compreendendo o risco de constrangimento ao tratar de temas de sua vida profissional, e, portanto, cada pessoa esteve livre para desistir da entrevista antes, durante e após sua realização.

Todos os participantes receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para leitura e assinatura, em que estão descritos os objetivos da pesquisa, contatos das pesquisadoras, riscos mínimos e benefícios da participação, bem como a garantia de anonimização dos dados e sigilo quanto à participação. A transcrição foi realizada por meio de software e revisada antes da categorização do material para posterior análise de conteúdo temática (Bardin, 2011). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Fiocruz Brasília, registrada na Plataforma Brasil sob o número CAAE 36016720.1.0000.8027.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De 18 jornalistas do Centro-Oeste que, na pesquisa online, manifestaram interesse em participar da etapa de entrevistas, seis efetivamente tiveram disponibilidade em colaborar, sendo um do Mato Grosso, um do Mato Grosso do Sul, dois do Distrito Federal e dois de Goiás. Três entrevistados participaram da entrevista online, através do Microsoft Teams e os outros três optaram pelo envio das respostas abordadas na entrevista via e-mail, devido a questões pessoais e indisponibilidade. Entre os entrevistados, cinco são mulheres e um homem. Todos os participantes têm entre 30 e 39 anos, são formados em jornalismo e apenas um tem formação específica na área da saúde. Dos entrevistados, três são repórteres, dois são assessores de comunicação e um é editor-chefe. Com relação ao local de trabalho principal, cinco atuaram na época da pandemia em veículos online e um no rádio. Os nomes das empresas de comunicação, bem como mais detalhes do vínculo laboral foram omitidos para garantir o anonimato dos participantes.

Cinco deles foram infectados pelo coronavírus (covid-19). Os principais sintomas relatados foram: dor no corpo, coriza, febre, tosse, dor no estômago, cefaleia, dor de garganta, perda de memória, perda de olfato e dores nas pernas. Eles não se automedicaram em casa, nem fizeram uso de medicamentos como ivermectina e hidroxiquina. Além do mais, todos se vacinaram e acreditam na eficácia das vacinas contra a covid-19.

Para garantir o anonimato dos participantes da pesquisa, suas falas foram sinalizadas com a sigla do

Quadro 1 : Síntese das categorias analisadas

Categorias	Seção de análise correspondente
Mudanças na rotina de trabalho e vida	Nunca imaginei conseguir trabalhar como trabalhei
Dificuldades	Informação desencontrada
Medicações	
Papel da imprensa brasileira	Faltou jornalismo com menos aspas no título
Lições aprendidas	O histórico como setorista ajudou Todo mundo teve que aprender alguma coisa sobre saúde para elaborar um texto

Fonte: elaborado pelas autoras

estado brasileiro no qual atuaram durante a pandemia seguida de um número, a saber: Goiás – GO1 e GO2, Distrito Federal – DF1 e DF2, Mato Grosso - MT1 e Mato Grosso do Sul – MS1.

Diferentes temas perpassaram as entrevistas com os jornalistas sobre seu trabalho durante a pandemia: mudanças na rotina de trabalho e vida, dificuldades, medicações, o papel da imprensa brasileira e lições aprendidas, conforme síntese das categorias apresentada no quadro abaixo.

A análise temática extrai aspectos que possibilitam compreender sob o ponto de vista do jornalista, os principais desafios e oportunidades encontrados pelos profissionais da notícia. Não foi objetivo desta pesquisa tecer comparações entre o trabalho e as percepções entre estados, mas verificar singularidades e similaridades entre jornalistas com distintos ambientes de atuação profissional.

Nunca imaginei conseguir trabalhar como trabalhei

Durante a pandemia, houve mudança em diferentes profissões, como no caso dos jornalistas que alteraram aspectos como a carga horária, local e ritmo de trabalho (Tabai et al., 2022). Para alguns profissionais, o momento pandêmico foi oportunidade de rever as rotinas e limitações do trabalho presencial.

Não é preciso estar dentro de uma redação para se produzir conteúdo jornalístico. E a redução da jornada de trabalho (que era de 9h diárias com 1h de almoço) é benéfica para a equipe. Cabeças descansadas produzem mais e melhor (embora a empresa negue aceitar essa característica e tenha retornado ao modelo de trabalho “escravizante” com a melhora dos índices da pandemia de covid-19 a partir de 2021). MS1

Dados do relatório da pesquisa que investigou o perfil do jornalista da região Centro-Oeste (Ferreira et al., 2023), apresentaram que a maioria dos trabalhadores (73,5%) atua por mais de sete horas diariamente, em desacordo com as leis trabalhistas do Brasil, as quais definem uma jornada diária de cinco horas para jornalistas profissionais – o que denota carga horária excessiva para a profissão e conseqüentemente impacta na qualidade das produções noticiosas.

De acordo com as entrevistas, cinco jornalistas trabalharam em regime *home office* e um permaneceu no trabalho presencial, portanto a maioria seguiu as recomendações da Fenaj para o trabalho em casa, quando possível. Apesar de algumas instituições improvisarem com pouca infraestrutura adequada para *home office* (Figaro et al., 2021), houve quem se adaptasse bem ao teletrabalho.

Acompanhar tudo da minha casa foi uma surpresa para mim, então assim, eu tive um excelente desempenho, com muito material divulgado, muito material produzido, isso tudo online, reunião online, ligação, isso foi muito legal para o meu trabalho. A gente descobriu que dá para fazer as coisas online. MT1

Porém, os profissionais estruturaram novas rotinas e acumularam tarefas para comunicar saúde com qualidade, acarretando sobrecarga de trabalho e substituição do trabalho em equipe pelo trabalho em que cada notícia dependia de um só jornalista, do início ao fim, em um ritmo solitário.

O processo de publicação percorria todo o trajeto da produção de uma notícia, ou seja, o repórter sugeria o assunto, apurava, entrevistava, checava, escrevia o texto, gravava, editava, disponibilizava no site. Além disso, o acúmulo

de funções era corriqueiro. O repórter era produtor, apresentador, mídia social e o que mais surgisse de demanda pela frente. MS1

Para os que trabalhavam como *freelancer* e como microempreendedores, pode ser que o espaço doméstico tenha se transformado pouco, mas o distanciamento social criou uma situação em que atividades da cobertura de rua vieram para o espaço virtual, ampliando o uso de novos softwares para as atividades essenciais, que fizeram com que os horários e os locais de trabalho ocupassem o tempo e o espaço da vida privada, com consequências cognitivas que afetaram o significado do trabalho e constante sensação de cansaço e estresse (Figaro et al., 2021). Percebeu-se que os entrevistados permaneceram com o compromisso de noticiar e apresentar o melhor trabalho possível, mesmo em condições adversas.

De casa, a carga horária era cumprida normalmente, contudo, as gravações das matérias (rádio) eram feitas no próprio celular e editadas através de computador próprio, com acesso remoto ao sistema dos computadores do veículo de imprensa. As entrevistas eram gravadas por telefone. Esse formato “home office”, contribuiu para que o trabalho jornalístico continuasse sendo feito. DF2

Ao inquirirmos sobre as ações que o empregador adotou para minimizar os riscos de transmissão e contágio, os jornalistas afirmaram que houve medidas para evitar a propagação do vírus, entretanto, um deles apontou que se deram apenas após pressão dos trabalhadores.

Os protocolos sempre foram muito firmes na empresa. Inicialmente não entrávamos em unidades de saúde, apenas nas imediações. Fomos usando máscaras e capotes a cada vez que as normas eram atualizadas. Limpeza das superfícies e, a cada sintoma ou positivo, todos se afastavam até que os testes dessem negativo. Por um tempo também houve médico na empresa para atendimento presencial e acompanhamento virtual dos sintomas e tratamento. Apenas a autorização para home office (foi realizada) após reivindicação da equipe de jornalismo e redução da carga horária de trabalho com programa do governo federal que permitiu a manutenção dos salários. GO2

É lamentável verificar este fato, relatado por profissionais que trabalham com a busca e apuração da verdade dos fatos, e no período da pandemia, apesar de estarem constantemente noticiando sobre as medidas de prevenção, conviveram em um ambiente inseguro para o trabalho. Ao mesmo tempo, esta incoerência

das empresas de comunicação influenciou o cotidiano de trabalho dos profissionais da notícia e deve pautar qualquer análise sobre as produções jornalísticas no período. O jornalista não é alheio ao seu trabalho, e por mais que se busque a imparcialidade, deve-se considerar que são pessoas com gostos, sentimentos e afetos que não são dissociados do seu fazer profissional.

O HISTÓRICO COMO SETORISTA DE SAÚDE AJUDOU

Os profissionais com experiência em saúde tiveram mais facilidade e a pandemia mostrou a necessidade de conhecimento aprofundado para se garantir uma cobertura jornalística de mais qualidade.

Espero que as redações passem a valorizar (...) a importância de ter jornalistas especializados em saúde (algo que, espero, não dure pouco tempo, pois há risco de novas emergências). MS1

A pandemia mostrou efetivamente uma necessidade de uma cobertura especializada na área de saúde. Não dá para os jornais acharem que acabou a pandemia, e não colocar gente especializada nesse instante. DF1

Já se alertou em pesquisa anterior para a necessidade de investimento na formação de jornalistas na área de comunicação em saúde no Brasil para aprimorar a qualidade das informações divulgadas pela imprensa. (Oliveira-Costa et al, 2019), o que foi confirmado pelos profissionais mais experientes, pois “entender e gostar muito de saúde foi um diferencial, eu acho. Já tinha contato e intimidade com as fontes, com os termos.” GO2

Eu já tinha contato com fontes na área e não precisei “aprender” a fazer esse caminho. Também já tinha contato diário com fontes importantes, como ministros (o que rendeu entrevistas exclusivas antes da declaração de pandemia e durante a crise, marcada por trocas frequentes de ministros). Também já entendia como funcionava o sistema de saúde, a gestão e os principais temas. Eu sabia o que era o centro de operações de emergência, por exemplo, e sabia que era algo importante quando o ministério o ativou. Também tinha contato muito frequente com vários especialistas e isso me rendia rapidez em repercussões de decisões do Planalto (sobretudo para rebater desinformações) e dicas sobre temas importantes. DF2

Um dos entrevistados ressaltou que essa formação especializada deveria se dar durante a faculdade de jornalismo.

Temas sensíveis como medicamentos devem ser trabalhados ainda na graduação, a partir da disciplina de Jornalismo Científico. Este ramo do jornalismo merece (assim como os outros, logicamente) grande atenção à checagem e tensionamento das informações. O jornalista precisa compreender que ao falar de medicamentos que são lançados, ele não pode se basear somente nas informações que o pesquisador lhe repassa sobre o estudo. É preciso ouvir outras fontes que atuam na área e possam falar positiva ou negativamente sobre o assunto destacado. MS1

Além da inexperiência com temas de saúde dificultar o trabalho, aliaram-se a ela um conjunto de fatores que exauriram os profissionais de imprensa em seu cotidiano, tais como o acúmulo de tarefas, a incerteza quando às fontes confiáveis, a falta de informação, a dificuldade de divulgação do tema por parte do Ministério da Saúde, o repasse de informações falsas, e dificuldades pessoais e familiares e também, cortes de recursos e benefícios dos funcionários em determinadas empresas de comunicação.

Falar sobre morte, luto, pautas difíceis, a sobrecarga de trabalho. Muitas vezes eram matérias para site, rádio, lives, impresso, no mesmo dia. A exaustão foi complicada. Tive muitas matérias sobre fome, crianças órfãs. Em um dia de pauta, eu parei tudo que estava fazendo, reuni dinheiro de colegas e fui ao supermercado comprar comida para uma personagem porque não conseguia escrever sobre a fome na pandemia e deixar ela com fome naquele dia. Cemitérios lotados, trabalhadores exaustos. Meu marido perdeu o emprego com menos de um mês de pandemia... criança com aula on-line e ansiedade em casa. Os problemas não se encerravam no trabalho, se uniam aos de casa. Perdi amigos, minha mãe e avó precisando de suporte financeiro... a empresa (Jornal) cortou o vale-alimentação. GO2

Interessante notar que o home office não foi benéfico para todos, pois obrigou os comunicadores a reinventarem a forma de apuração dos fatos, no contato com as fontes, na aprovação de um projeto, na busca de informações, na gravação de depoimentos em áudio e vídeo sem os recursos disponíveis na empresa, nas reuniões com a equipe, enfim, na organização das demandas existentes (Figaro et al., 2021).

Trabalhar em home office dificultou bastante o contato diário que eu tinha com fontes do Ministério da Saúde, por exemplo. O alto volume de informações devido à pandemia (o que a própria OMS chamou de infodemia) também era quase que enlouquecedor e gerou uma alta demanda de checagem e apuração diária, o que rendeu muitas horas extras (e cansaço extremo). A crise política e o ambiente de desinformação (com ataques a máscaras e outras medidas de prevenção em falas de autoridades, por exemplo) também exigiu muito cuidado ao noticiar determinados eventos para não propagar ainda mais essas desinformações. MS1

Houve ainda críticas ao descaso das empresas à saúde física e mental dos jornalistas.

Embora a dinâmica do home office tenha funcionado bem, havia dificuldade por parte de equipamentos para gravação, porque a empresa não se prontificou em disponibilizar ao menos um computador e estrutura de cadeira e mesa que pudesse contribuir para melhor conforto dos repórteres. Vale ressaltar que esse sistema home office não surgiu por iniciativa da empresa, e sim dos repórteres que se organizaram para que se cumprisse com regras de biossegurança após episódio de contaminação em massa de toda redação. Em dezembro de 2020, cerca de 10 jornalistas se contaminaram com Covid-19 e um colega (diretor de jornalismo de 64 anos) faleceu dias após contrair o vírus. A empresa precisou trazer equipe do interior do estado para que o jornal ao vivo diário fosse ao ar, já que 100% da redação convalescia. O modelo “funcionários devem ficar aos olhos do patrão” foi o que mais dificultou o trabalho durante a pandemia, já que houve resistência da empresa em conceder o home office. GO2

A saúde mental dos profissionais essenciais na linha de frente, principalmente os trabalhadores da área da saúde foi tema de diferentes estudos que destacaram os impactos na saúde mental da população que precisou realizar todas as suas atividades, como trabalho, educação, lazer no ambiente doméstico. Nesse contexto, um dos aspectos estudados no campo da percepção é a natureza dos riscos, onde quanto mais próximas as fontes de risco estão, mais difícil se torna perceber a exposição a eles. Além disso, essa exposição tende a se confundir com a convivência com o risco, que por sua vez se torna natural ou normal. Os jornalistas ouviram relatos de suas fontes, que expressavam sofrimento relacionado às sequelas da covid-19, perda de familiares e amigos, desemprego, angústia devido às incertezas trazidas pela pandemia e até mesmo fome (Victor, 2023).

Infelizmente nem todos os veículos de imprensa entenderam ainda que é preciso ter atenção à saúde mental dos jornalistas em contextos de cobertura de crises e de alto volume de informações, como foi sobretudo nos primeiros anos da Covid. Eu tive vários momentos de quase-estafa, estafa ou algo semelhante a isso. Não precisaria ter chegado a esse ponto (...). Há empresas que não estão preocupadas com a saúde e segurança de seus funcionários, e que o interesse no lucro é capaz de se sobrepor a qualquer importância com a vida de pessoas. MS1

Este mesmo profissional comentou, ao longo da entrevista, que teve o pai com problemas de saúde grave devido à covid-19, após ter seu salário e jornada de trabalho reduzidos por três meses, impactando a vida não só emocional, mas financeiramente. Estudo anterior observou que a deterioração das condições laborais e do bem-estar dos jornalistas na região Centro-Oeste reflete o sentimento de frustração, exaustão e desinteresse, indicando uma deterioração na saúde física e mental desses profissionais. A falta de reconhecimento, salários aquém das expectativas e jornadas de trabalho exaustivas contribuem para esse quadro, que compromete significativamente o bem-estar dos trabalhadores do setor. Os autores também observaram que, em comparação a jornalistas de todo o país, apesar de desfrutarem de condições de trabalho superiores à média nacional, os jornalistas do Centro-Oeste enfrentam desafios significativos em relação à sua saúde física e mental. Mais da metade dos entrevistados (64,8%), relatou sentir-se estressada no ambiente de trabalho. Além disso, um quarto dos profissionais entrevistados considera que o ambiente de trabalho não é saudável e praticamente metade (49,6%) relatou sentir dores no corpo, incluindo braços, pernas, costas, mãos e pés. Um percentual significativo (69%), afirmou experimentar dores de cabeça durante o expediente, enquanto quase 80% relataram dificuldades com o sono. Adicionalmente, quase metade dos jornalistas indicou enfrentar alterações no apetite em algum grau de intensidade (Ferreira et al., 2023). Esses dados reforçam a urgência de ações em prol da promoção da saúde dos profissionais do jornalismo na região, bem como que sejam considerados entre as profissões que devem ter prioridade em ações de saúde pública, como as imunizações em emergências sanitárias.

Informação desencontrada

Houve investigação contínua por medicamentos que pudessem controlar a pandemia, todavia, sua eficácia e segurança não eram esclarecidas, e, desse modo, a imediatização de informações sobre eles antes dos resultados dos ensaios clínicos disponíveis, induziram à automedicação (Wong, 2020).

O presidente do Brasil à época foi defensor do uso da hidroxicloroquina (HCQ), como tratamento para

a covid-19 no início da pandemia, apesar de a comunidade científica não comprovar a eficiência naquele momento e nessa perspectiva, questionamos como foi noticiar sobre esse tipo de medicamento. Cinco jornalistas cobriram reportagens sobre esse tema e dois deles afirmaram que houve desafios, tais como verificar em uma base de dados consolidada e a frequência com que os remédios eram citados no âmbito do governo. Um dos entrevistados afirmou que eles traziam alguma esperança em meio à incerteza.

Procurei sempre citar a questão da ausência de evidências científicas de eficácia e incluir ainda, sempre que possível, a avaliação de especialistas confiáveis e o contexto político de defesa do governo por alguns desses medicamentos na contramão das evidências. Quando surgiram os primeiros estudos mais amplos que descartavam eficácia, passei a citar essas informações. Também fiz em conjunto com colegas matérias específicas sobre o tamanho da aposta do governo em cloroquina, na contramão das evidências, para mostrar esse contexto. Alguns colegas em São Paulo também fizeram matérias ótimas com resumo sobre os estudos envolvendo o remédio, o que ajudou muito também na cobertura (já que o material era atualizado com frequência, o que tornava fácil fazer a linkagem). DF2

A falta de comunicação coordenada entre governos, profissionais da saúde e instituições de ciência e tecnologia, cada um apontando para uma possível solução diferente, também foi um empecilho à comunicação em saúde com qualidade na pandemia.

a gente viu que houve uma briga entre o governo federal e os estados, os estados fizeram um complô assinado, teve muita briga, teve um desentendimento, um desalinhamento na política nacional, durante a pandemia isso prejudicou muito o trabalho dos estados, prejudicou dos municípios. MT1

A distância entre a comunidade científica em geral e as instituições de pesquisa no Brasil, em particular, tais como a Fiocruz e o Instituto Butantã, e o cidadão comum que é o responsável pelo financiamento destas instituições ficou explícita. Os pronunciamentos desencontrados, a comunicação muito prescritiva sem qualquer diálogo com a sociedade, e a ausência de respostas rápidas relacionadas aos processos e métodos de pesquisa, por exemplo, que incluem testes, erros, percentagem de efeitos adversos desvelaram o fosso entre academia e sociedade, contribuindo para desinformação. A partir da pandemia, se tornou ainda mais urgente o in-

vestimento em divulgação científica no Brasil, para que as pessoas compreendam em linguagem simples e objetiva, como a ciência é feita, suas fragilidades, ritmo e potência. A ciência não é a única a dar respostas para a vida das pessoas, mas em se tratando de saúde, ter as pessoas confiantes na ciência brasileira pode trazer desfechos mais favoráveis que os da pandemia.

Faltou jornalismo com menos aspas nos títulos

Dos seis entrevistados, quatro afirmaram que a cobertura da imprensa brasileira cumpriu com o seu papel e chamou atenção para o tema com compromisso de informar a sociedade, mas fizeram críticas com relação à divulgação no início da pandemia, devido à novidade do tema e à desinformação, assim como ao uso indiscriminado de jornalismo declaratório, sem espaço para se questionar o lobby da indústria farmacêutica em meio à corrida pela compra e venda das vacinas, por exemplo.

Se você atacasse o laboratório, você poderia estar admitindo o sinal contrário do que você era contra a vacina, então acho que houve uma confluência ali de situações que acabou favorecendo esse lobby dos laboratórios, que efetivamente ganharam muito dinheiro, né? Com razão ou sem razão daquele dinheiro, ele, que bom que as vacinas vieram. (...) Mesmo com a CPI, os laboratórios acabaram sendo beneficiados sobre essa dificuldade, um pouco de descuido, dos jornais não emitirem sinais trocados em relação a determinados tipos de medicamentos. Quando você tinha medicamentos que não funcionavam, beleza, né? (...) A gente sabe, o potencial de lobby de medicamentos para ter medicamento incluído no SUS, vocês acompanham isso, de como trabalham com alguns federais, ao Ministério da Saúde, tudo mais, e que determinado momento foi extremamente beneficiado, porque eu acho que sim, trazendo os jornais, mas não da imprensa toda. Talvez sim, talvez esse seja um mau sinal em relação à cobertura. Falta uma maior apuração sobre lobbies. DF1

O jornalismo declaratório constrói notícias embasadas apenas em declarações, deixando de fora o contraditório, buscado quando o repórter durante a apuração, questiona e evidencia erros, contradições e mentiras nas falas dos entrevistados. (Chagas & da Cruz, 2022). É importante perceber que a imprensa, pelo receio de ser considerada aliada de quem supostamente estaria indo na contramão das evidências científicas sobre a vacinação, não questionou os contratos milionários envolvendo recurso público e laboratórios privados, nem primou por um recurso básico do jornalismo, que está no questionamento das fontes e busca pelo contraditório, no tocante aos medicamentos, ao mesmo tempo em que colocava manchetes declaratórias que potencialmente induziriam as pessoas simpáticas de quem fala, a crer

naquela informação destacada em um título, direto da boca da fonte.

Senti falta de um jornalismo que utilizasse menos o recurso das aspas nos títulos, colocando falas de fontes como sendo verdade. Por exemplo, em títulos que diziam “Cloroquina é eficaz no tratamento de covid-19”, diz Bolsonaro. Acredito que a responsabilidade do jornalismo é garantir a informação ao público com seriedade e títulos como este do exemplo serviram apenas para contribuir com a afirmação de que um remédio (com ineficácia comprovada) seria bom para o tratamento do vírus, quando não era. MS1

A pandemia foi abordada em praticamente todas as editorias dos veículos tradicionais, desde política, economia, esportes e cultura, cada uma com suas próprias perspectivas, com constante divulgação de novos casos, mortes, a sobrecarga dos leitos de UTI e os avanços científicos relacionados a nova doença. Esse aspecto diferenciou a cobertura em relação a outras no passado. Além das medidas de prevenção e controle anunciadas pelas autoridades, como restrições econômicas, a minimização da gravidade da doença pelo presidente da república e as críticas resultantes de políticos e protestos populares também receberam destaque na mídia, trazendo à tona a crise política, que se agravou posteriormente (Ferraz, 2020).

Outro aspecto interessante foi perceber como a imprensa passou a apresentar boas notícias sobre o Sistema Único de Saúde, que geralmente ganha as páginas dos jornais com denúncias, filas, descaso e mal uso dos recursos.

Eu, pessoalmente, também fico feliz em ver como o SUS foi defendido na pandemia. As pautas saíram do básico do problema e também mostraram a resistência do sistema e seus profissionais. Eu sou do grupo que acha que tem que mostrar os problemas existentes na rede de saúde sim (porque assim se cobra soluções), mas fico feliz que se mostre mais como o SUS funciona e que haja sua defesa (como na vacinação, que foi alvo de tantos ataques, até por autoridades). Ampliar o acesso à informação confiável foi um desafio nos anos iniciais da Covid e que vai continuar. Nesse contexto, embora dependa de assinaturas e outros, a imprensa precisa pensar em formas de ampliar o acesso com mais frequência a algumas informações de serviço (vacinas e etc). Isso foi feito no início da pandemia e precisa ocorrer mais vezes, como um compromisso contra a desinformação. DF2

Ao se analisar a cobertura do principal jornal da capital do Brasil sobre o SUS, no passado, era notável

a pouca apropriação dos jornalistas sobre as peculiaridades e abrangências deste sistema, com notícias que desqualificavam-no, não promoviam o conhecimento do Sistema de maneira crítica e contextualizada, desvalorizando sua abrangência. Os jornalistas, como formadores de opiniões e percepções, devem ter um olhar mais amplo sobre o SUS enquanto uma política pública de saúde e direito de todo cidadão brasileiro, e divulgar, com mais frequência, as conquistas do sistema. Sem esconder as mazelas, mas apostar em coberturas que apresentem também os avanços e inovações da saúde pública nacional. (Moares e Oliveira-Costa, 2017). Este olhar ampliado da imprensa para as ações e serviços do SUS foi notável durante a pandemia de covid-19.

Por ter coberto algumas epidemias anteriores, eu já sabia que precisava ter cuidado com alar-des, ao mesmo tempo em que também não se podia minimizar riscos. Acredito que a pandemia reforçou a importância desse cuidado na cobertura de notícias de saúde. Outro ponto foi a importância de informações de serviço ao leitor. Sentí muito isso ao citar, em matérias, questões como uso de máscaras, testes, etc. Procurei sempre ter apoio de especialistas confiáveis e citar alguns estudos como base, mesmo que o foco da matéria fosse outro (ex. declarações e anúncios do governo). A pandemia também reforçou a importância do jornalismo profissional (sobretudo em contextos como o da tentativa do governo de omitir dados da Covid, por exemplo, e diante do alto volume de informações e desinformações). Também mostrou a importância do acompanhamento de políticas públicas. Como jornalista, porém, também aprendi a necessidade de priorizar alguns temas em meio ao alto volume de informações. Fiz muitas matérias especiais e de profundidade no período, mas gostaria de ter feito mais. DF2

Todo mundo teve que aprender alguma coisa sobre saúde para elaborar um texto

A saúde não é uma área trivial, em que cabe apenas o senso comum e opiniões desta ou daquela fonte, mas exige preparo. Em se tratando de uma pandemia, em que as informações eram ainda muito novas e incertas para a comunidade científica, algumas redações trabalharam no improviso – e, apesar disso, deu certo.

Foi uma cobertura monotemática em diversas áreas. (...)Os jornais foram se enquadrando ali, foram colocando especialistas, para cobrir aquele tema. Lá não tinha repórter especializado para cobrir saúde, e você tinha que começar a preparar essas pessoas para tratarem daquele

tema. Então, por exemplo, fiz muita matéria de saúde, visando muitos especialistas de saúde e eu não tinha experiência de saúde. A única experiência de saúde que eu tenho é porque minha mãe é médica. DF1

Em meio aos aprendizados, trabalhar com a desinformação foi também algo novo. Apesar de o tema das informações falsas em saúde não ser novo, foi impulsionado pela sociedade da pós-verdade, em que fatos objetivos parecem importar menos às pessoas que impressões subjetivas sobre determinados assuntos. (Sacramento, 2018).

Aprender os trâmites de uma pesquisa, das vacinas... também aprendemos muito sobre a burocracia envolvendo medicamentos, protocolos e tratamentos. Acho que mais que nunca, entendemos a problemática das Fake News e de como o movimento antivacina cresceu no país. Fiz muitas matérias sobre isso no passado e era sempre algo considerado distante, longe, improvável. GO2

Os profissionais compreenderem a pandemia também como um momento importante para se repensar a prática jornalística e suas rotinas, com a necessidade de exercer os tradicionais princípios da profissão tais como a apuração bem-feita, ouvir o outro lado e inclusive se atentar para os interesses de grupos políticos e econômicos que se aproveitam de comoção nacional.

Checagem da informação. Eis a base do jornalismo. Um dos princípios fundamentais. Ao me deparar com informações que são sensíveis e envolvem, principalmente, a vida das pessoas, me visto dos fundamentos do jornalismo para que o público não receba conteúdo que pode prejudicar, sobretudo, sua vida. Coloco em cheque a informação utilizando fontes documentais e pessoais que analisem e falem a partir de dados técnicos e éticos sobre medicamentos, por exemplo. MS1

Na área de saúde, você tem que ter pessoas cobrindo esse pós-pandemia efetivamente ainda. Ainda tem de recuperar um pouco dos lobbies do laboratórios, por exemplo, lá, e você tem um histórico de contratos, de visitas, de agendas, né? De tudo isso. Então, assim, ficar escrevendo, mas também para você mudar e ter condições de apresentar, e que se continue nesse tema, cobrindo esse tema na área de saúde. DF1

A pandemia me fez repensar também que tipo de cobertura quero fazer no jornalismo (e a resposta talvez seja menos hard news, embora ame, e mais jornalismo em profundidade). (...)

Espero que as redações passem a valorizar mais esse aspecto. MS1

Cabe mencionar que, durante a pandemia, a Fio-cruz Brasília, por meio de sua Assessoria de Comunicação, ofereceu um curso de especialização em Comunicação em Saúde, sem custos de inscrição ou mensalidades, para 30 profissionais do Distrito Federal. A iniciativa, desenhada antes da pandemia e prevista como atividade presencial, foi totalmente remodelada para aulas online, devido ao distanciamento social e possibilitou que os comunicadores inscritos aprimorassem seu conhecimento em meio à emergência sanitária, com riqueza de debates relacionados àquele momento atual nas redações e nos governos. Iniciativas de formação na área da saúde devem ser fomentadas pelo setor público e privado da comunicação, pois em meio aos desafios cotidianos de cada jornalista está o ineditismo e incerteza das descobertas científicas a área da saúde. Lidar com os cientistas, os diferentes interesses em uma pesquisa, as vaidades e melindres do mundo acadêmico exige não só experiência profissional, mas também conhecimento de experiências exitosas e boas práticas de se comunicar saúde. O jornalista não pode ser visto somente como um simples descritor de informações dadas, ou leitor de notícias, mas como alguém que produz sentidos sobre saúde e precisa se formar bem para isso.

As limitações desta pesquisa estão na construção do corpus, que dependeu diretamente da disponibilidade e memória dos sujeitos de pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia impactou significativamente as rotinas e condições de trabalho dos jornalistas da região centro-oeste do Brasil entrevistados neste estudo. Os profissionais se adaptaram às novas formas de trabalho e os que já possuíam experiência na cobertura de temas de saúde tiveram menos dificuldades para lidar com as incertezas de se comunicar o risco sanitário.

A falta de investimento na formação de jornalistas na área de comunicação em saúde foi destacada como algo que dificulta a apuração, a distinção entre fontes confiáveis ou não e dá margem para a divulgação de informações falsas.

O home office foi a alternativa para a continuidade do trabalho, e apesar das dificuldades de contato presencial com fontes, revelou a necessidade de se reinventar a maneira de se checar os fatos e a investigação jornalística, com ganhos para aqueles que conseguiram se adaptar e prejuízos para os que não tiveram apoio e infraestrutura de seus locais de trabalho na execução deste novo formato laboral. Houve também críticas ao descaso das empresas em relação à saúde física e mental dos jornalistas.

É preciso formação dos jornalistas em comunicação em saúde, assim como o reconhecimento e a valorização de profissionais especializados nessa área. Além disso, é fundamental que a saúde permaneça como pauta prioritária dos veículos de comunicação, que não devem tratá-la de maneira sazonal, mas mantê-la no radar. Em se tratando ainda da covid-19, os interesses e acordos realizados durante a pandemia devem ser investigados, junto aos laboratórios farmacêuticos, governos e instituições públicas de saúde.

Cabe ressaltar ainda que as empresas de comunicação devem adotar medidas que priorizem a saúde e a segurança dos jornalistas, especialmente em momentos de cobertura de crises e alto volume de apuração. Os resultados não devem ser extrapolados para outras realidades ou sujeitos de pesquisa, pois refletem análise a partir das percepções dos sujeitos entrevistados, mas nos dão pistas para compreender os processos de comunicação e trabalho jornalístico durante crises sanitárias, pelos olhos dos próprios trabalhadores da notícia, e poderão ser utilizados em estudos futuros comparativos a outras realidades, regiões e profissionais do jornalismo durante a pandemia.

O fazer jornalístico mudou e está imerso em uma sociedade com avalanche informacional. Neste ambiente, que muda a todo instante, os profissionais da notícia devem se adaptar às novas necessidades da sociedade, e de maneira atualizada, comunicar saúde para além de só descrever números de mortos, leitos, vacinas, exames, sem deixar de fazer o bom jornalismo de qualidade, com apuração, checagem, desconfiança, ouvindo sempre mais de uma fonte, para que possam, de fato, promover saúde.

*Submissão: 10/07/2023
Data de aceite: 08/05/2024*

REFERÊNCIAS

- Associação Nacional de Jornais. (2024). *Número de Associados*. Recuperado de <https://www.anj.org.br/associados/>.
- Azevedo, A. P. M. de. (2012). Jornalismo de saúde: novos rumos, novas literacias. *Comunicação E Sociedade*, 185–197. [https://doi.org/10.17231/comsoc.23\(2012\).1363](https://doi.org/10.17231/comsoc.23(2012).1363)
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. Trad. de Reto L.A.; Pinheiro A. São Paulo: Edições 70.
- Cajazeira, P. E. S. L., & Souza, J. J. G. de. (2022). O telejornalismo no Cariri Cearense: a rotina de trabalho dos jornalistas no contexto da pandemia da Covid-19 (2020 a 2022). *Comunicação & Informação*, 25, 78–92. <https://doi.org/10.5216/ci.v25.64443>
- Camponez, C., Miranda, J., Fidalgo, J., Garcia, J. L., Matos, J., Oliveira, M., ... & Silva, P. A. D. (2020). Estudo sobre os Efeitos do Estado de Emergência no Jornalismo no Contexto da Pandemia Covid-19. *Relatório*. Recuperado de <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/44291>
- Casero-Ripollés, A. (2021). O Impacto da Covid-19 no Jornalismo: Um Conjunto de Transformações em Cinco Domínios. *Comunicação e sociedade*, (40), 53-69. Recuperado de <http://journals.openedition.org/cs/5920>.
- Chagas, L. J. V., & Cruz, M. C. da. (2022). Jornalismo declaratório na cobertura eleitoral e a dependência das fontes oficiais. *Sur Le Journalisme, About Journalism, Sobre Jornalismo*, 11(2), 108–123. <https://doi.org/10.25200/SLJ.v11.n2.2022.494>.
- Duarte, J., & Barros, A. (2005). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas.
- Federação Nacional dos Jornalistas. (2021). Departamento de Saúde, Previdência e Segurança. *Jornalistas vitimados pela Covid-19*. Brasília. Recuperado de <https://fenaj.org.br/dossie-jornalistas-vitimados-pela-covid-19>.
- Ferraretto, L. A., & Morgado, F. (2020). *Covid-19 y Comunicación: una guía practica para enfrentar la crisis*. Recuperado de <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/213929/001118205.pdf?sequence=1>
- Figaro, R., Marques, A. F., Camargo, C. A., Rebecchi, C. N., de Oliveira, D. F., Kinoshita, J. O., ... & Santana, Y. A. (2021). Os comunicadores no contexto de um ano da pandemia de Covid-19. *Líbero*, (49), 61-89. Recuperado de <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1621>.
- Figaro, R., Visibeli Barros, J., Marques da Silva, A. F., Rodrigues, N., Kinoshita, J., Molianni, J. A., Acosta Camargo, C., & Oliveira, D. (2021). O trabalho do comunicador durante a pandemia da covid-19. *Revista Latinoamericana De Ciencias De La Comunicación*, 19(35). Recuperado de <http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/678>
- Ferraz, L. M. R. (2020). Saúde e política na crise da Covid-19: apontamentos sobre a pandemia na imprensa brasileira. *Revista Eletrônica De Comunicação, Informação & Inovação Em Saúde*, 14(2). <https://doi.org/10.29397/reciis.v14i2.2128>
- Ferreira, F. V., Meneses, G. S., Silva, N. F. D., Silva, N. L. D., & Borges, R. P. (2023). A precarização do trabalho da (o) jornalista na região Centro-Oeste. Trabalho apresentado em Anais do 21º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Recuperado de <https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2023/trabalhos/a-precariizacao-do-trabalho-dao-jornalista-na-regiao-centro-oeste?lang=pt-br>
- Índice Verificador de Comunicação. (2024). *Auditorias*. Recuperado de <https://ivcbrasil.org.br/#/auditorias>.
- Kaufmann, J.C. (2013). *A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo*. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 202p.
- Kreps, G. L. (2012). Health communication inquiry and health outcomes. *Comunicação e Sociedade*, 11–22. [https://doi.org/10.17231/comsoc.23\(2012\).1351](https://doi.org/10.17231/comsoc.23(2012).1351)
- Kreps, G. L. (1988). The pervasive role of information in health and health care: Implications for health communication policy. *Annals of the International Communication Association*, 11(1), 238-276. <https://doi.org/10.1080/23808985.1988.11678690>
- Lopes, F., Santos, C. A., Peixinho, A. T., Magalhães, O. E., & Araújo, R. (2021). Covid-19: uma pandemia que reconfigura o jornalismo?. *Media & Jornalismo*, 21(39), 57-75. https://doi.org/10.14195/2183-5462_39_3
- Martins, B. N., & Oliveira-Costa, M. S. de. (2023). Riscos da profissão: percepções dos jornalistas da capital brasileira sobre seu trabalho na pandemia. *Revista Española de Comunicación em Salud*, 35-46. <https://doi.org/10.20318/recs.2023.7165>
- Massarani, L., Neves, L. F. F., & da Silva, C. M. (2022). Excesso e alta velocidade das informações científicas: Impactos da COVID-19 no trabalho de jornalistas. *E-Compós*, 25. <https://doi.org/10.30962/ec.2426>
- Moraes, R. C., Oliveira-Costa, M.S., & Machado Mendonça, A. V. (2018). De que saúde pública estamos falando? Um olhar sobre os discursos jornalísticos no Correio Braziliense no ano de 2016. *Revista Latinoamericana De Ciencias De La Comunicación*, 14(27). Recuperado de <http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/452>
- Oliveira, H; Gadini, S. (2020). *Jornalismo em tempos da pandemia do novo coronavírus*. 1ª edição – Aveiro: Ria Editorial.
- Oliveira-Costa, M. S. de., Costa. (2017). *Parem as máquinas! A gente não quer só comida: análise da alimentação como pauta jornalística*. (Tese de Doutorado em Saúde Coletiva). Universidade de Brasília, Brasília, DF. Recuperado de <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/24397>
- Oliveira-Costa, M. S. de., Costa, D. R. T. da., Mendonça, A. V. M., & Renaud, L.. (2019). De que alimentação estamos falando? Discursos de jornalistas e análise de conteúdo de notícias populares. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 23, e180093. <https://doi.org/10.1590/Interface.180093>
- Osmann, J., Selva, M., & Feinstein, A. (2021). How have journalists been affected psychologically by their coverage of the COVID-19 pandemic? A descriptive study of two international news organizations. *BMJ Open*, 11(7), e045675. <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2020-045675>
- Perreault, M. F., & Perreault, G. P. (2021). Journalists on COVID-19 Journalism: Communication Ecology of Pandemic Reporting. *American Behavioral Scientist*, 65(7), 976–991. <https://doi.org/10.1177/0002764221992813>
- Sacramento, I. (2018). A saúde numa sociedade de verdades. *Revista Eletrônica De Comunicação, Informação & Inovação*

- Em Saúde*, 12(1). <https://doi.org/10.29397/reciis.v12i1.1514>
- Salazar de Pablo, G., Vaquerizo-Serrano, J., Catalan, A., Arango, C., Moreno, C., Ferre, F., Shin, J. I., Sullivan, S., Brondino, N., Solmi, M., & Fusar-Poli, P. (2020). Impact of coronavirus syndromes on physical and mental health of health care workers: Systematic review and meta-analysis. *Journal of affective disorders*, 275, 48–57. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2020.06.022>
- Spink, Mary Jane; Cordeiro, Mariana Prioli; Brigagão, Jacqueline I. Machado & Malinvern, Cláudia. (2021). *COVID-19: versões da pandemia nas mídias*. . Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia. <https://doi.org/10.11606/9786587596136>.
- Schiavo, R. (2013). *Health communication: from theory to practice*. San Francisco: Jossey Bass.
- Tabai, B. J., Santos, T. B. D., & Coqueiro, J. M. (2022). Quando não é possível deixar de informar: o processo de trabalho de jornalistas durante a pandemia da Covid-19. *Saúde em Debate*, 46, 93-104. <https://doi.org/10.1590/0103-11042022E106>.
- Victor, C. (2023). Silêncio na redação – a saúde mental de jornalistas na abordagem da comunicação de riscos. *Revista Eletrônica De Comunicação, Informação & Inovação Em Saúde*, 17(1), 112–133. <https://doi.org/10.29397/reciis.v17i1.3400>
- Wong A. (2020). COVID-19 and toxicity from potential treatments: Panacea or poison. *Emergency medicine Australasia: EMA*, 32(4), 697–699. <https://doi.org/10.1111/1742-6723.13537>



A Pandemia e o jornalismo brasileiro: o olhar de comunicadores do centro-oeste do Brasil sobre seu trabalho

La mirada de los periodistas de la región Centro-Oeste de Brasil sobre su trabajo durante la pandemia de covid-19

Journalists from the Brazilian Midwest and their Perception of their Work during the COVID-19 Pandemic

Le regard de journalistes de la région Centre-Ouest du Brésil sur leur travail durant la pandémie de Covid-19

Pt. A pesquisa buscou compreender a percepção dos jornalistas da região centro-oeste do Brasil sobre o impacto da pandemia de covid-19 em seu trabalho. Foi utilizada metodologia qualitativa, descritiva e exploratória, com coleta de dados por meio de entrevistas online com seis profissionais da comunicação. Esses jornalistas relataram mudanças significativas em seu cotidiano, saúde e vida pessoal, resultantes da urgente necessidade de informar ao público sobre dados científicos atualizados em um contexto de incerteza generalizada. Foi possível observar que o período pandêmico não apenas trouxe desafios, mas também uma oportunidade para que os jornalistas revissem suas rotinas de trabalho e refletissem sobre as limitações do formato de trabalho totalmente presencial. Durante esse período, os profissionais da notícia descobriram novas possibilidades de trabalho remoto, o que levou a uma reavaliação da qualidade e eficiência da sua prática diária. No entanto, apesar de algumas empresas adotarem medidas para prevenir a propagação do vírus, em diversas situações essas ações só foram implementadas após pressão dos próprios trabalhadores. Isso expôs um descaso preocupante com a saúde física e mental dos jornalistas, que se sentiram vulneráveis e desamparados em meio à crise, assim como outras categorias profissionais. Outro ponto identificado na pesquisa foi a falta de uma comunicação coordenada entre governos, profissionais da saúde e instituições de ciência e tecnologia. Cada um desses grupos apresentava soluções distintas para lidar com a pandemia, o que gerou confusão e dificuldades na comunicação sobre questões de saúde pública. Essa fragmentação dificultou a disseminação de informações precisas e confiáveis durante a crise sanitária, impactando diretamente o trabalho dos jornalistas e, conseqüentemente, a qualidade da informação disponibilizada à população. Por fim, o estudo não apenas elucida os desafios enfrentados pelos jornalistas na pandemia, mas também destaca a necessidade de um diálogo entre áreas e categorias profissionais envolvidas na comunicação em saúde.

Palavras-chave: jornalismo, pandemia, covid-19, comunicação em saúde, trabalho

Es La investigación buscó comprender la percepción de los periodistas de la región Centro-Oeste de Brasil sobre el impacto de la pandemia de covid-19 en su trabajo. Se utilizó una metodología cualitativa, descriptiva y exploratoria, con recolección de datos mediante entrevistas en línea a seis profesionales de comunicación. Estos periodistas relataron cambios significativos en su cotidiano, salud y vida personal, resultantes de la urgente necesidad de informar al público sobre datos científicos actualizados en un contexto de incertidumbre generalizada. Se observó que el período pandémico no solo trajo desafíos, sino también una oportunidad para que los periodistas revisaran sus rutinas de trabajo y reflexionaran sobre las limitaciones del modelo de trabajo totalmente presencial. Durante este período, los profesionales de la noticia descubrieron nuevas posibilidades de trabajo remoto, lo que los llevó a reevaluar la calidad y eficiencia de su práctica diaria. Sin embargo, aunque algunas empresas adoptaron medidas para prevenir la propagación del virus, en muchas situaciones estas acciones solo se implementaron tras la presión de los trabajadores. Esto puso de manifiesto un preocupante desprecio por la salud física y mental de los periodistas, que se sintieron vulnerables y desamparados en medio de la crisis, al igual que otras categorías profesionales. Otro punto identificado en la investigación fue la falta de comunicación coordinada entre gobiernos, profesionales sanitarios e instituciones de ciencia y tecnología. Cada uno de estos grupos presentó diferentes soluciones para hacer frente a la pandemia, lo que provocó confusión y dificultades en la comunicación sobre temas de salud pública. Esta fragmentación dificultó la difusión de información precisa y confiable durante la crisis sanitaria, lo que repercutió directamente en el trabajo de los periodistas y, en consecuencia, en la calidad de la información puesta a disposición de la población. Finalmente, el estudio no solo dilucida los desafíos enfrentados por los periodistas durante la pandemia, sino que también pone de relieve la necesidad de diálogo entre las áreas y categorías profesionales involucradas en la comunicación en salud.

Palabras clave: periodismo, pandemia, covid-19, comunicación en salud, trabajo.

En This study sought to understand the perception that journalists in midwestern Brazil have about what kind of impact the covid-19 pandemic had on their work. A qualitative, descriptive and exploratory methodology was used, including data collection from online interviews conducted with six professional journalists. These journalists reported significant changes to their daily lives, health and personal lives as a result of the urgent need to keep the public informed about up-to-date scientific data during a time of widespread uncertainty. We observed that the pandemic not only presented journalists with challenges, but also an opportunity to evaluate their work routines and reflect on the limitations of the in-person work format. During this period, news professionals discovered new alternatives for remote work, which led to a reassessment of the quality and efficiency of their day-to-day practice. Even though some companies adopted measures to prevent the spread of the virus, many companies only took these actions after pressure from their employees. This led to a troubling disregard for the physical and mental health of journalists, who felt vulnerable and helpless amid the crisis, similar to other professionals. Another aspect identified in our research was the lack of coordinated communication between governments, health professionals and science and technology institutions. Each of these groups presented different solutions for dealing with the pandemic, which led to some confusion and difficulties when it came to communicating about public health issues. This fragmentation made it difficult to disseminate accurate and reliable information during the health crisis, and had a direct impact on the work of journalists and, consequently, the quality of information made available to the public. Lastly, this study not only explains the challenges faced by journalists during the pandemic, but also highlights the need for dialogue between professional fields involved in health communication.

Key Words: journalism, pandemic, covid-19, health communication, work

Fr. Cette étude visait à comprendre la perception qu'ont les journalistes de la région Centre-Ouest du Brésil de l'impact de la pandémie de covid-19 sur leur travail. Nous avons utilisé une méthodologie qualitative, descriptive et exploratoire, avec un recueil de données par le biais d'entretiens en ligne avec six professionnels de la communication. Ces journalistes ont fait état de changements significatifs affectant leur quotidien, leur santé et leur vie personnelle, qui découlaient du besoin urgent de transmettre au public des informations scientifiques à jour dans un contexte d'incertitude généralisée.

Nous avons pu constater que la période de pandémie a été non seulement source de défis, mais aussi l'occasion pour les journalistes de revoir leurs routines de travail et de réfléchir aux limites d'une activité exclusivement en présentiel. Au cours de cette période, les professionnels de l'actualité ont découvert de nouvelles possibilités de travail à distance, ce qui les a conduits à réévaluer la qualité et l'efficacité de leur pratique quotidienne. Cependant, bien que certaines entreprises aient adopté des mesures préventives contre la propagation du virus, dans bien des cas, ces actions n'ont été mises en place que sous la pression des travailleurs eux-mêmes. Cela révèle un manque de considération inquiétant pour la santé physique et mentale des journalistes, qui se sont sentis vulnérables et désemparés face à la crise, au même titre que d'autres catégories professionnelles.

Notre étude a également pointé un manque de communication coordonnée entre les gouvernements, les professionnels de la santé et les institutions de sciences et technologies. Chacun de ces groupes a présenté des solutions distinctes pour faire face à la pandémie, ce qui a entraîné une certaine confusion et des difficultés à communiquer sur les questions de santé publique. Cette dispersion a entravé la diffusion d'informations précises et fiables pendant la crise sanitaire, en affectant directement le travail des journalistes et donc la qualité de l'information transmise à la population. Au-delà de la mise en évidence des défis auxquels les journalistes ont été confrontés durant la pandémie, cette étude souligne la nécessité d'un dialogue entre les différents secteurs et catégories professionnelles impliqués dans la communication en matière de santé.

Mots-clés : journalisme, pandémie, covid-19, communication en santé, travail

